

PARA ALÉM DO DIAGNÓSTICO: QUESTÕES ACERCA DO AUTISMO¹

João Pedro Vargas Ferraz², Simoni Antunes Fernandes³

¹ Trabalho desenvolvido a partir de observações e estudos no Estágio de Psicologia e Processos Sociais.

² Acadêmico do curso de graduação em Psicologia da Unijuí. joao.pvf@sou.unijui.edu.br

³ Professora orientadora. Mestra em Psicologia. Curso de Psicologia da Unijuí. simoni.fernandes@unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

As discussões acerca do Autismo são consideradas ainda muito recentes e sofrem constantes mudanças, seja no que compete ao diagnóstico ou no modo de compreender o sujeito com Transtorno do Espectro Autista. A primeira vez que essa categoria foi introduzida no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-III-R), no ano de 1980, sob a rubrica TGD - Transtorno Global do Desenvolvimento - contabilizou uma criança autista em 150. Em 2020, o governo dos Estados Unidos divulgou a atualização dos números do Centers for Disease Control and Prevention [CDC], 2020: 1 autista para cada 36 crianças. O número anterior era de 1 para cada 44, divulgados em 2018.

Visto que há um expressivo e gradual número de diagnósticos de Transtorno do Espectro Autista (TEA), a patologização traz consigo a consequência de inscrever esses sujeitos em um diagnóstico, podendo levar a um fracasso da entrada na linguagem prevalecendo seus automatismos como resistência à entrada do Outro, tendo esse Outro como instância, aquele que marca, que inscreve. (JERUSALINSKY,2012)

O “aprisionamento” diagnóstico tende a restringir a compreensão completa desse sujeito e acaba por limitar suas capacidades de desenvolvimento. Dessa forma, o diagnóstico traz consigo um pré conceito do que entende-se por autismo e uma possível transformação em preconceitos, pois passarão a enxergar esses sujeitos pela lente diagnóstica, em um processo de dessubjetivação, suscitando ainda mais sofrimento.

Este trabalho está vinculado ao terceiro objetivo de desenvolvimento sustentável (ODS) que é saúde e bem estar.

METODOLOGIA

Este trabalho foi escrito a partir de implicações da experiência de Estágio em ênfase social na instituição “Teamor”. Para subsidiar a pesquisa foi realizada uma revisão narrativa

da literatura, de modo que a escolha das produções científicas que integram o presente estudo foi arbitrária, não sendo delimitada no tempo, nem por palavras-chave (CORDEIRO et al., 2007). Para tal, foram consultados autores clássicos e contemporâneos da psicologia, em especial da psicanálise, a fim de contribuir com reflexões acerca do autismo e os problemas da patologização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para psicanalistas que detêm-se ao estudo do autismo, tais como Maria Cristina Kupfer e Marie-Christine Laznik, o autismo é concebido como uma falha da captação do infans no desejo materno, pois a encarnação do lugar de Outro primordial não existiria, remetendo então ao lugar da constituição psicótica do sujeito (ROCHA, 2002). Laznik utiliza-se do conceito de elisão de Lacan para ilustrar o fechamento autístico onde:

A percepção de um objeto qualquer pode subitamente cessar, não apenas como se nunca tivesse havido inscrição ao nível dos traços mnésicos, mas inclusive como se este objeto nunca tivesse existido, pois o fenômeno pode acontecer na presença do objeto. (Laznik, p 60, 1997).

Alfredo Jerusalinsky (2012) define o autismo como uma quarta estrutura do sujeito, devido à exclusão do campo do Outro e do registro da linguagem. Importante destacar que essa teoria é criticada por muitos psicanalistas que atuam pela psicanálise lacaniana contemporânea.

Cristian Dunker (2014) faz um resgate histórico e bibliográfico tecendo críticas ao novo modelo de diagnósticos propostos no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). Em razão da proximidade do manual com a psicanálise em seus dois primeiros volumes (DSM I e DSM II), ainda considerava-se a subjetividade de cada sujeito ao tecer determinado diagnóstico. A partir de terceiro volume há uma dissociação entre a psiquiatria e a psicanálise, priorizando ordens biologicistas e desconsiderando o contexto em que surge a doença, passando a obter um diagnóstico em formato de *checklist*.

É possível considerar a existência de uma “pandemia” de diagnósticos na sociedade contemporânea, incluindo e destacando o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), o qual foi incorporado pelo DSM - instrumento utilizado para identificar patologias de transtornos mentais - a partir de suas características nosográficas. Considerando o TEA como um amplo guarda chuva que abarca diversas e amplas características, a família, escola e/ou médicos acabam encontrando o que procuram em razão da quantidade e diversidade de

características para esta patologia, reafirmando o dito popular: “*para quem tem um martelo, todo problema é prego*”. Nesse sentido, o *checklist* se efetua e a criança passa a ser olhada através da lente diagnóstica, desconsiderando o contexto em que esses sintomas são produzidos. (Jerusalinsky, 2020)

Ao nascer, já carregamos conosco uma herança genética e familiar, contudo, não está dado geneticamente como o sujeito irá se posicionar a partir dessas estruturas orgânicas. No caso do TEA, fatores orgânicos presentes desde o nascimento poderão vir a se apresentar como um fator de risco para o desenvolvimento, a partir da forma que o ambiente e família conduzirão as dificuldades orgânicas que venham a aparecer. A psicanálise, representada aqui por Alfredo Jerusalinsky (2000), critica o diagnóstico anterior aos 3 anos de idade, por considerar que este período inicial da vida corresponde ao período de estruturação da criança e que, apesar dos fatores genéticos e ambientais apresentarem um risco ao desenvolvimento infantil, a clínica da intervenção precoce tem o potencial de minimizar fatores de risco que podem vir a resultar em déficits ou problemas no desenvolvimento e intervir de modo a possibilitar à criança desenvolver-se em todo o seu potencial e constituir-se enquanto sujeito psíquico.

No que diz respeito ao referencial teórico psicanalítico, o sintoma não é uma falha a ser suprimida e sim uma resposta do sujeito, não enclausurando este a uma psicopatologia, fixando nele uma identidade a partir do diagnóstico. “Desse modo, o diagnóstico assume o valor preditivo do destino de um sujeito que amalgama o quadro nosográfico à dimensão ôntica do ser” (Jerusalinsky, 2015, pg. 113). Trabalha-se então, na possibilidade que esse sujeito possa advir como sujeito de desejo, a partir de suas aberturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme autores pesquisados e a experiência de estágio percebe-se que para além do diagnóstico existe um sujeito com seus desejos, suas linguagens, buscando uma representação para aquilo que -ainda- não pôde dar nome, e que acaba enclausurando em suas patologias, ditando assim seu modo de ver e compreender o mundo e a si próprio.

Destaca-se ainda, a importância da intervenção precoce a partir dos riscos, evitando assim, o fechamento de um diagnóstico que exercerá função que inscreve o sujeito em uma condição patologizante.

Palavras-chave: Autismo. Diagnóstico precoce. Psicanálise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - DSM V** (5a ed.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas. 2013

Center for Disease Control and Prevention. 2010. **Identified prevalence of autism spectrum disorder**. Disponível em: <http://www.cdc.gov/ncbddd/autism/data.html>. Acesso em: 23 de maio de 2023.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Questões entre a psicanálise e o DSM**. J. psicanálise São Paulo, v. 47, n. 87, p. 79-107, dez. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352014000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 14 ago. 2023.

CORDEIRO, Alexander Magno et al. **Revisão sistemática: uma revisão narrativa**. Rev. Col. Bras. Cir., Rio de Janeiro, v. 34, n. 6, p. 428-431, Dec. 2007. Acesso em: 09 de agosto de 2021.

JERUSALINSKY, Alfredo. **Psicanálise do autismo**. São Paulo, SP: Instituto Langage. 2012

JERUSALINSKY, Alfredo. **Psicanálise e desenvolvimento infantil**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

JERUSALINSKY, Julieta. **Quando algo não vai bem com o bebê**. Salvador. Ágalma. 2020.

JERUSALINSKY, Julieta. **Deteção precoce de sofrimento e psicopatologia na primeira infância: a desobediência dos bebês aos critérios nosográficos deve ser considerada**. In M. Kamers, R. M. Mariotto, & R. Voltolini (Orgs.), Por uma (nova) psicopatologia da infância e da adolescência (pp. 103-116). São Paulo, Escuta. 2015

LAZNIK, Marie-Christine. **Rumo à palavra: três crianças autistas em psicanálise.** São Paulo. Escuta. 1997.

ROCHA, Fulvio Holanda. **Autismo: controvérsias na psicanálise.** In: COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 4., 2002, São Paulo. Proceedings online... Available from: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032002000400007&lng=en&nrm=abn>. Access on: 06 Aug. 2023.